

Germinal!

Semanario anarquista

Administração: R. Felipe — Redacção: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

Anual 10\$000

Semestral 6\$000

CONTRA A LIBERTICIDA LEI DE EXPULSÃO

As manifestações internacionais de hoje

A marcha triunfante dos povos civilizados marca, na data de hoje, uma trajectoria de impetuosidades que abalam a sociedade burguesa e mais profundamente a barbarie entronizada sobre a democracia brasileira.

A resposta do ministro brasileiro em Madrid, ás exigencias das Confederações Operarias da Italia, Espanha França e Portugal, não foram satisfactorias.

A revogação da lei de expulsão e a volta dos trabalhadores deportados por defenderem os seus direitos, ha muito tempo instituídos em todas as nações pelas lutas gigantescas em que tanto se esforçaram os nossos antepassados, e para cujas conquistas foram necessarias numerosas revoluções, regadas com o generoso sangue de milhares de mártires, não podiam, de forma alguma, dar ensejo para fazer esperar a quem conhece as maquinações diplomaticas, quem

Eis porque os nossos camaradas da Europa não deram longo prazo para saber o que antecipadamente se aliguravam.

Os direitos de homem não podem ser conculcados sem que novas revoluções venham a derrubar os novos poderes da prepotencia.

As massas populares hodiernas estão inspiradas pelos novos idealismos da mais completa independencia, e decididos a não ceder um palmo na senda luminosa das suas reivindicações.

Os parasitas empoleirados nas altas esferas das rendosas instituições, e os principes do ouro, com que tudo se compra, desde a consciencia dos inuteis até a liberdade do povo, erguer-se hão contra a onda justiceira.

Os jornalistas tecerão rédes de apóstrofes, reclamando o ferro e o fogo para os paladinos das modernas contendas libertarias.

Isso e ainda mais se pode esperar dessa imprensa, porta-voz da burguesia, que se atreve a chamar de consul da Anarquia ao representante da clerical e ignominiosa monarchia italiana, descortinando perante todas as nações as qualidades ultra-reaccionarias e escravizadoras dos ricos e mandões deste pais, onde a forma com se suga o sangue e se consome a seiva dos productores, não deixa de ser um verdadeiro canibalismo.

Foi para defender a extorção que a «Companhia Docas» e a «União de Transportes» exercem em Santos, que os chamados defensores da ordem e da familia violaram domicilios, prenderam cidadãos dentro do proprio leito e os arremessaram para fóra do pais.

Foi para agradar ao Gaffrée, ao Carvalho, José Novita e outros estrangeiros, que se destruíram os lares proletarios, se maltrataram mulheres e crianças, que ficaram quasi na orfandade, e não completamente desamparadas, porque os companheiros de infortunio souberam prestar-lhes a devida solidariedade.

Foi finalmente, em proveito da ganancia feita com a fome do povo, que se exploraram e se exploram os sentimentos patrióticos dos brasileiros, para que estes servissem e sirvam de arautos da cruzada capitalista.

Os diplomatas indigenas, em vista da revanche operaria, devem compreender que foram muito longe nas suas represões e que, em vez de terem acabado com a luta social, contribuíram a extender e intensificar a nossa acção revolucionaria.

Agora é tarde... A vindicta popular exige uma reparação, e hoje, os trabalhadores militantes nas colectividades renovadoras, que são os homens verdadeiramente civilizados, encherão em imponentes manifestações, as ruas e praças das cidades da Italia, França, Espanha e Portugal, como tambem do Brasil, comovendo o mundo inteiro com o seu protesto, e resolvendo empregar os meios necessarios para coagir o governo que nos oprime, a ceder pela força, aquilo que não soube ceder á justa e pacifica reclamação.

Saúde, pois, a todos os lutadores, com os quais nos lançamos ao combate pela liberdade.

FLORENTINO DE CARVALHO.

Luta proletaria

Métodos e tendencias

A causa que determina o proletario a rebelar-se contra o patrão, contra a autoridade, que se interpõe na luta em favor do explorador, é a sua natural tendencia, o seu sentimento e aspiração de liberdade, quer no terreno económico quer no terreno social. Ao associar-se ele leva ao seio do sindicato, lugar onde mais facilmente pode desafogar-se da sua indignação, um caudal de energia, expondo aos seus companheiros tudo quanto sente e pensa, indicando os males que ele e os seus camaradas padecem, e os meios que julga melhores para remedia-los.

Em nome de quem e com que direito se pode proibir nos sindicatos a liberdade de pensamento?

Se os trabalhadores, oprimidos pelo patronato, por todas as instituições sociais, vão ao sindicato ou sociedade operaria e não podem alí gozar da liberdade individual: o que é que vão ali fazer?

A conquistar um pedaço de pão em troca de uma nova tirania creada por eles mesmo, a tirania sindical?

A sociedade operaria que institue em seu seio a escravidão da consciencia, declarando a inutilidade ou nocividade da intelligencia humana, não é um elemento de opressão peor do que as instituições coercitivas da burguesia, posto que fere mais de perto e com mais eficacia a expansão dos seus componentes e o movimento evolutivo do operariado em geral?

Conheço muitas sociedades operarias onde só se aprende a idolatrar indivíduos, a servir de apoio aos politiqueros, e empregam a sua actividade em impedir a marcha do proletariado.

Sem ir mais longe, aí temos no Rio, a Federação Operaria impossibilitada de realizar um movimento sério e de organizar neste sentido as classes que para isso melhor poderiam contribuir, porque estão organizadas, em sociedades conservadoras que cristalizam a acção dos trabalhadores, e pode-se afirmar que não ha policia nem leis capazes de fazer outro tanto.

As associações desta indole não só impedem a propaganda emancipadora dentro dos seus seios senão que agem contra os indivíduos que entre as classes fazem a sua propaganda, naturalmente contraria a orientação dessas associações, e, em muitos casos, este despotismo tem produzido grandes conflitos entre os trabalhadores.

Os anarquistas estão, por tanto, no seu terreno e no seu dever de combater todas

as instituições, todos os elementos que se oponham á liberdade individual.

Aqui, a discrepancia no elemento operario foi proveniente, dizem uns, da exagerada tendencia individualista de notavel número de lutadores e da exstricta concepção sindicalista, dizem outros, dada ás organizações.

Não me interessa muito saber isto com certeza; quero somente dizer que nos lugares onde a organização operaria teve e tem uma tendencia fraccamente libertaria essas discrepancias ou luctas entre organizadores e individualistas, salvo raras excepções, não tem sido notavel; cada um luta auxiliando-se mutuamente, especialmente nos momentos dificeis.

Tenho quasi a certeza de que se entre nós a organização operaria tomasse uma tendencia anarquista, os libertarios, mesmo os exceptivos respeito da organização, prestar-lhe iam o seu apoio, e a maior parte se constituiriam em seus entusiastas propagandistas.

E, desde que os militantes, os mais activos nas organizações operarias, são anarquistas ou simpatizantes da Anarquia, não vejo motivo para que a organização proposta pelo companheiro Lucas não tenha o efeito desejado, e necessario para a luta emancipadora no Brasil.

Dar a tendencia anarquista á organização operaria não é obrigar a todos a seguir esta tendencia, é dar a todos a mais ampla liberdade, que só pode encontrar-se nas entidades que seguem essa orientação.

E', alem disso, a forma única de livrar o movimento operario de todas as mistificações, iluminando-o com todas as claridades das sciencias sociológicas.

JOÃO CRISPIM

GRÉVE DE OPERARIOS em Sacramento (Mina)

A acção revolucionaria dos trabalhadores assegura-lhes a victoria imediata.

Ha poucos dias os operarios da Empresa Elétrica da cidade de Sacramento declaram-se em greve.

No momento em que abandonaram o trabalho, indignados pela insólita negativa com que os directores repeliram as suas reclamações, uns começaram a aplicar o sabotage ás maquinas e outros objectos, ao mesmo tempo que outros se dirigiram aos engenheiros e administradores. Estes, vendo a energica attitude dos grévistas, puzeram pés em polvorosa e não se deram por seguros até que chegaram á cidade de Conquista, onde foram chgar á policia e a pedir-lhe que os valésse.

Serenados um pouco os animos dos rebeldes, a companhia apressou-se em comunicar-lhes que estava concedido tudo quando pediam.

Em poucas horas a acção directa, propagada pelos anarquistas, levou os trabalhadores á completa victoria, que deve servir de exemplo ao proletariado em geral.

O antimilitarismo na Europa

Proximo Congresso Internacional

O elemento em que mais se tem apoiado a burguesia é o da força, da violencia organizada, chamada militarismo.

Esta força está próxima a desaparecer, porque os povos e os proprios soldados, revoltam-se contra o serviço militar e contra o patriotismo.

Na França e na Espanha realizam-se actualmente grandes manifestações populares e de numerosos grupos de soldados, protestando contra o serviço militar e contra os armamentos.

A classe capitalista holandesa prepara-se para inaugurar o Palacio da Paz afim de comemorar o centenário da libertação do país, do jugo do imperio napoleónico.

Para protestar contra essa comedia, os camaradas holandeses estão organizando um Congresso Internacional dos antimilitaristas revolucionarios.

Com este fim o «Centro de Estudos Sociais» do Rio dirigiu uma circular a todos os grupos anarquistas e revolucionarios do Brasil, propondo que nos façamos representar por um delegado, no referido congresso.

O pacifismo burgues, feito á base de conferencias e de palacios, tem por fim encobrir os seus progressos bélicos e livrar-se da responsabilidade das guerras que provoca para conquistar mercados, fazer empréstimos lucrativos, dar saída as armas armazenadas nos arsenais e avivar o fanatismo patriótico.

Esta iniciativa merece, pois, o apoio de todos os companheiros, um apoio práctico, e para o qual não ha tempo a perder.

GRANDES COMICIOS contra a lei da expulsão

Em S. Paulo

As sociedades operarias desta cidade, respondendo ao convite da Confederação Operaria Brasileira, estão organizando um grande comicio de protesto contra a lei de expulsão, que se realizará hoje, domingo, ás 9 horas da manhã, no salão Alhambra.

Para esse fim esta-se distribuindo profusamente um manifesto, convidando o povo a concorrer ao comicio, para protestar contra essa lei, que é a negação da liberdade e da civilização.

Todos os amantes da liberdade devem comparecer a esta importante reunião.

Em Santos

A Federação Operaria publicou um vibrante manifesto, convidando os trabalhadores a concorrer ao comicio que terá lugar hoje, a uma hora da tarde, na praça Teles, para protestar contra a bárbara lei do Adolfo Gordo.

Nas demais cidades do país realizar-se-hão comicios no mesmo sertido.

Prisão injusta

Com este titulo veio de Curitiba no dia 24 do mez p. findo, um telegrama noticiando que os jornais daquela capital trazem muitos pormenores sobre o mandado de prisão expedido pelo juiz de direito de Guarapuava contra o cidadão Alfredo do Nascimento:

«Pouco tempo depois de chegar a cidade de Guarapuava tratara logo de aplicar a sua actividade.

Mas um individuo, que soubera do assassinio do sr. Silvio Antonio Sales, em Baurú, Estado de S. Paulo, julgando que fôsse Nascimento o criminoso, denunciou-o ao juiz de direito local... Este, sem ao menos indagar de cousa alguma que se referisse ao denunciado, determina a sua prisão.

Nascimento foi preso e recolhido á cadeia de Guarapuava, onde permaneceu por mais de um mes, e daí foi remetido para Curitiba, afim de ser apurado o que havia de verdadeiro na denuncia. A policia desta capital verificou logo que Nascimento não tinha culpa alguma no assassinio do sr. S. Sales, pelo que o poz em liberdade no fim da semana finda».

A jurisprudencia desta civilizada república, atrá a torto e a direito, os cidadãos para dentro das prisões, e de-

pois... deixa-os no rol do esquecimento! pois os srs. juizes não vão incomodar-se por que homens desprotegidos estejam detidos indefinidamente, com causa ou sem ela.

Caiu na cadeia é preso, e preso não tem direito a nada: é um criminoso, fóra de todas as atenções e garantias. Vamos somando.

Apêlo aos camaradas

Novamente nos dirigimos a todos os companheiros para que se tome verdadeiro interesse pela nossa acção.

A propaganda e a acção desenvolvidas não correspondem ao número de anarquistas e simpatizantes, existentes no Brasil.

Pesamos pouco, bem pouco, na balança da vida social, podendo dizer-se que não vamos, mas nos levam a reboque de forças extranhas e de acontecimentos adversos.

Onde estão os nossos valores? De que servem as nossas capacidades, se passamos quasi despercebidos?

Isto deve afectar a dignidade de todos os lutadores, de todos os que se sentem livres e aspiram a triunfar na luta pelo Ideal.

E' preciso que cada um faça alguma cousa, que os passivos se tornem activos, e todos a um tempo façamos com que os nossos principios sejam o centro de gravidade da atenção geral, e o povo os tome como guia do porvir.

A imprensa é, como todos sabemos, um dos meios mais eficazes para realizar esta magna obra.

Devemos, por tanto, insistir em possuímos, ao menos para começar, um jornal que tenha influencia entre o povo.

Com um pouco mais de actividade o *Germinal!* pode alcançar esta aspiração. Esperamos, pois, que os camaradas tomem em consideração o nosso apêlo anterior e se manifestem para poder-se levar adiante a iniciativa de melhorar este jornal e difundindo-o mais possível.

Assim teremos começado a fazer algo de pratico.

13 DE MAIO (*)

13 de maio! ha perto de trinta anos Uma raça gritou ao sol que te dourava: — Acabou-se afinal o tempo dos tiranos, Já não há raça pelo mundo escrava. Com a carta d'alforria! E entanto ainda durava e dura a tirania... O homem negro deixou de ser a propriedade Do branco fazendeiro, Mas continúa emtanto o cativoiro Do rico sobre o pobre... E ha grandes prantos pela Humanidade!

O que nada produz tudo consome: E morre no hospital, nas prisões ou de fome, O produtor de tudo... E a lei serve de escudo, Com sabres e canhões, a toda esta injustiça! A lei é, pois, o mal; lute-se contra a lei! E assim como se fez contra o feitor e o rei, Faça-se contra toda a autoridade! Em busca de justiça, Alceemos a bandeira da equidade, Que é a bandeira flameante da Anarquia, Como um palio d'amor aberto sobre a vida Numa grande promessa d'harmonia!

Nós, anarquistas, somos a nova era... Dentro da nossa esplêndida química, Encerramos o mundo d'amanhã: Quando a lira, vibrada ao som do malho, Cantar os hinos fortes do trabalho A' luz tranquila e morna da manhã.

E' com a alma fita neste mundo novo, Que vamos despertar no coração do Povo Os estes de coragem com que ontr'ora, Nas praças de Paris, cantando a Marselhesa, Levantou contra as armas da nobreza A grande barricada redentora!

E em breve ha de luzir tambem o dia Em que o Povo, acordando em voz sonora, Denodado e viril ha de sandar a aurora Com vivas á Anarquia!

MAX DOS VASCONCELOS.

(*) Esta poesia foi recitada na sessão de propaganda realizada pelo Centro de Estudos Sociais do Rio, no dia 13 de maio último, no Pavilhão Internacional.



O desperdício da energia feminina

(Conferência inédita)

II

No ponto de vista humano as energias universais se podem artificialmente dividir em energias humanas e não humanas, isto é, energias universais que se concentram ou irradiam do organismo do homem e energias que se degradam sem lhe passar pelos tecidos.

As energias humanas são de cinco espécies: físicas, intelectuais, morais, práticas e sociais.

Energias físicas chamo eu às derivadas do nosso corpo por função dos aparelhos mantenedores do equilíbrio fisiológico. É a energia do homem-animal, como a do cétaceo, como a do liquem.

Energias intelectuais são as decorrentes do grau de ideação capaz de inventar e imitar. O animal que pensa inventa ou imita. Inventar, si entre noções não relacionadas descobre alguma correlação ou si, entre noções já relacionadas acha uma correlação nova. Pode a invenção ser de instrumentos, de processos, de idéas, de beleza. Imita quando adota as invenções alheias, aumentando assim a sua reserva de idéas.

Energias morais são as emanadas da determinação e orientação da vontade. Agulhoados pela necessidade todos os centros nervosos superiores e inferiores, si admitimos o polígono de Grasset, centros psíquicos subconscientes ou conscientes, vibram, reagem, descarregam, determinando pela co-reação mútua a vontade. Pode a vontade determinar-se sem a previsão de um fim ou com ela. No primeiro caso é desorientada, no segundo caso orientada. A vontade individual manifestada é o acto. Si o fim colimado é favorável á energia humana o acto moral é bom, si desfavorável o acto é mau.

Podéis entrever nesse ligeiríssimo resumo a verdadeira base da moral, base tão procurada sem resultado satisfatório, até hoje.

Energias práticas denomino eu, por falta de outro termo, as energias geradas pelo hábito profissional. O hábito, dizem que é uma segunda natureza. É a entrevista popular e empírica da virtude multiplicativa de energia daquilo a que chamamos: prática.

Os centros conscientes presidem á educação dos centros subliminares de tal modo que actos mal executados a principio se executam depois com admirável destreza e precisão. Os especialistas não são mais do que indivíduos cujas energias práticas se desenvolveram muito em certo serviço útil.

Energias sociais, emfim, são as provenientes da solidariedade. O proverbio diz que a união faz força.

Desde Adam Smith se conhece a teoria da multiplicação da força productiva pela divisão do trabalho.

A divisão do trabalho é o modo de ser mais favorável da solidariedade humana. Se um homem produz um, dez homens produzirão, não dez, mas cem.

Esse excesso representa a energia de solidariedade, ou energia social, propriamente dita.

O conjunto de energia físicas, intelectuais, morais, práticas e sociais constitue a energia humana.

Ora, senhores, na luta pela vida, que não significa, notai bem, a luta do homem contra o homem, mas a luta do homem as energias naturais oponentes; na luta pela vida, digo eu, o homem representa um centro de transformação de energias.

Todas as energias naturais apropriadas pelo homem para a satisfação completa das necessidades chamam-se energias utilizáveis.

Qual é portanto, senhores, o problema geral da humanidade? É este: transformar com o menor gasto possível, a maior quantidade possível de energias universais dispersas em energias utilizáveis.

Decorre daí, bem clara, a noção de desperdício de energia humana.

Esse desperdício pode ser de tres espécies: a) desperdício por não aproveitamento; b) desperdício por mau aproveitamento; c) desperdício por destruição.

Exemplos: a cachoeira de Paulo Afonso é uma fonte inextinguível de energia, abandonada; a estrada de Ferro Central do Brasil é uma fonte de energia mal aproveitada; a guerra, emfim, é o melhor exemplo de desperdício de energia por destruição.

É inconcebível que os homens, tendo interesse directo no aumento intenso da sua energia, dispendam, com a fabricação de armamentos e sustento pesadíssimo dos operários militares e soldados, uma soma formidável dessa energia para, em dado momento, aniquilar de golpe outra porção dessa energia. É o indivíduo que amolasse, com a mão direita, uma navalha que lhe custou cara, por decepar com ela a mão esquerda.

Vós vos admirais de que a humanidade

de assim proceda? Pois esse é apenas um dos meios de desperdício impensado. Ha outros não menores, embora menos evidentes.

O desperdício de energia feminina é um deles. Definido o assunto desta conferência, examinemos senhores os varios aspectos da questão para vermos depois o que tem feito a Igreja de Roma, no sentido de evitar tamanho desperdício.

José Oiticica.

Exposição das doutrinas anarquistas

A Emancipação Económica

(Continuação)

Resumamos as nossas reivindicações sob o ponto de vista do individuo:

1.º **Integração Económica** do homem — presentemente ser fragmentario, parcelario, patrão ou escravo, cabeça ou braço, possuidor de cousas que não usa no trabalho, ou que usa no trabalho cousas que não lhe pertencem; que fornece alimento aos outros sem satisfazer a si mesmo ou que vive dos fructos do trabalho alheio — emancipação económica do homem, pois, pela confusão (no sentido juridico) das qualidades de produtor e consumidor de cada individuo e pela completa disposição de todos os trabalhadores dos meios de produção.

2.º **Integração intelectual** do trabalhador pela reunião do trabalho material e intelectual, do trabalho industrial e agrícola, e pela variedade das occupações, de modo a pôr em jogo e ter constantemente em exercicio todas as faculdades humanas (cultura intensiva do ser humano);

3.º **Integração moral** do homem, satisfação de todas as necessidades morais e materiais, liberdade e incoercibilidade das acções do individuo, segurança da existencia, completo desenvolvimento da vida para todos os homens;

4.º **Integração politica e social** do homem, completada pela associação, e emancipação da humanidade, pelo banimento das castas na esfera da civilização;

5.º Em fim, **Progresso continuo pela associação** — não luta perpetua, nem progresso aos saltos e reacções, como no presente progresso e melhoramento de um lado, regresso e ruína do outro.

Vê-se, pois, que a essencia do anarquismo na evolução do pensamento e da sociedade é o ideal do homem, da sua emancipação, das suas necessidades, das suas forças inexploradas, da sua capacidade infinita de desenvolvimento, da propria sociabilidade e dos seus laços multiplos com os seus semelhantes e o mundo exterior.

Este homem, tem algum valor no regime actual?

Certamente que não. Em economia, abstractamente das suas qualidades, dos varios esforços da sua acção, do seu verdadeiro bem estar, usa-se fazer dele uma máquina para produzir e acumular riquezas.

Se é um capitalista, pede-se-lhe que seja rigorosamente económico, que faça convergir todos os seus esforços para não cessar de acumular, de fazer abstinencia até a morte, com o unico escopo de amontoar riquezas.

O capitalista não tem que ter piedade dos sofrimentos do seu próximo, deve, pelo contrario, fechar os olhos ás misérias do operario, deve aproveitar-se da invenção mecânica e do aumento de população, estimular os gostos viciados dos consumidores, procurar produzir por um preço barato, prolongando o dia e intensificando o trabalho do operario e recrutando mulheres e creanças; ele tem que lançar mão de todos os negocios lucrosos, usura e agiotagem, jogo e prostituição, em fim deve desumanizar-se para ser capitalista ideal, um capitalista perfeito.

O comerciante, por sua vez, deve propor-se o mesmo escopo, e para conseguir-lo, aproveitar-se das fortunas que lhes offerece a concorrência, da carestia e da guerra, dos vícios dalguns e da miséria e da ignorancia de outros, acomodar-se tambem á especulação, (á qual os economistas atribuem uma função económica conhecida, uma virtude moderadora das oscillações do mercado) divulgar continuamente clamores de guerra imminente ou escassas colheitas, fazer com que os mercados sejam desertos, fundar a sua fortuna sobre a ruína dos seus competidores.

Em fim, capitalista ou mercador, o unico escopo do homem endinheirado é fazer fortuna e aumentar um credito que ele não absorve e que mais forte do que ele, só consegue fazer passar pelas suas mãos.

O prototipo do capitalista de hoje é o gerente das companhias anónimas, ser inanimado, sem existencia real, de nomina

juris, verdadeira máquina «mais-valix».

É preciso dizer tambem quanto o homem é suprimido hoje, entre os trabalhadores?

É preciso talvez lembrar os milhões de seres lançados como pasto ás máquinas, sem cuidado algum pelas suas vidas? O trabalho minucioso, e a sua influencia sobre a saúde e sobre o desenvolvimento da intelligencia do trabalhador?

A imoralidade forçada á qual são destinadas as moças e os moços que trabalham nas minas, nos arrozais e nas grandes officinas? É preciso tambem falar do descuido sistemático para com as necessidades do trabalhador, do ar que respira, da alimentação insufficiente, e pessima, do covil onde apodrece?

Quem pode calcular os tesouros de talento, de energia, de genio artistico e scientifico que são dissipados pela sorte, cuja fonte é dissecada?

E o mal que se pratica (causado pela desenfreada sede de ouro) ás gerações do futuro?

(Continúa)

A Cleptocracia Brasileira

Só assim se pôde chamar ao regime sob o qual o povo vive, ou antes, morre de fome, febre ou tuberculose.

Que outro nome dar se não esse, quando uma grande quadrilha de bandidos, com sede no Rio de Janeiro e sucursais nos Estados, tendo-se apossado do poder pela astucia e pela violencia, rouba do povo quasi todo o producto de seu trabalho, deixando-lhe apenas o necessario para que não morra e continue a trabalhar e produzir?

E isto o faz, descarada e cinicamente, não tendo sequer a perspicacia de o transfigurar pela mascara da honestidade, como acontece em outros países.

As provas aí estão aos milhares e ninguém as ignora.

Aí estão as embaixadas de ouro, as valorizações do café, do assucar: o serviço de povoamento do sólo e de protecção aos selvícolas, o recenseamento, a protecção aos exploradores da borracha, as grandes extensões de terra vendidas aos sindicatos estrangeiros, a elevação forçada e ficticia do cambio, dando ensejo a operações financeiras muito lucrativas, e ultimamente o chama do escândalo da Prata.

Estes factos são apenas os que nos ocorrem de pronto á memoria, não se levando em conta os factos passados e os que nunca transpiram.

E se por acaso, o povo, cansado de ser espoliado tenta revoltar-se é logo preso, deportado, ou fusilado.

E a violencia garantindo o roubo.

E quando de 4 em 4 anos, os bandidos se agitam, se intrigam e se disputam o chefe da quadrilha, é doloroso vêr esse povo tomar interesse pela luta que entre eles se trava, luta repelente.

Que importa ao povo saber qual será o novo chefe de quadrilha?

Melhorará a sua situação?

Não. Nunca. O chefe de uma quadrilha sempre será um bandido, e quasi sempre o mais bandido.

Que importa que este chefe seja substituído por um outro em cada período de 4 anos, ou que governe hereditariamente?

Que se chame presidente da Republica ou imperador?

Nada. A quadrilha é sempre a mesma, o roubo sempre se dará, seguido da violencia.

A violencia se responde com a violencia. E esta violencia, para dar frutos, deve ser exercida colectivamente, isto é, por uma revolução que extermine completamente todas as quadrilhas existentes e por existir, que se adornam com o nome de governos, quer sejam republicanos ou monarchistas. Faça-se a Revolução Social.

Só então o povo poderá libertar-se, vivendo, amando e instruindo-se livremente.

Francisco de Magalhães Viotti

Revolução social no México

Mais de tres annos ha que os trabalhadores mexicanos passeiam pelos Estados daquella nação, o rubro pendão da revolução comunista-anárquica, ao grito de Terra e Liberdade!

O telégrafo tem silenciado os effeitos dessa revolução, quando não se tem servido da culumbia para desmoralizar os revolucionarios. Inúmeras cidades foram tomadas pelos rebeldes, que destruíram todos os registos de propriedades e varreram tudo quanto representava o privilegio, o fanatismo e o principio de autoridade, deixando os habitantes na possessão livre da terra, das máquinas, etc., seguindo depois para a frente, e paventando as forças do capitalismo.

Esta revolução, que inutilmente os governos tentam aniquillar, é o terror dos exploradores, alcançando cada dia mais victorias e mais adeptos, apesar de que muitas vezes se afirmou que estava terminada.

A propósito dessa revolução, o vice-consul do México, nesta cidade, acaba de receber o seguinte telegramma:

« O movimento das forças federais em Sonora avança sob um plano sistemático e de resultados eficazes. Os carrancistas acabam de sofrer em Cahuila tremenda derrota perto de Monclava, encontrando-se agora em situação difficil por falta de agua, que os federalistas cortaram perto de Bocatocha. O porto de Bustamante, que é a porta de Coahuila para Nueve Leon, encontra-se em poder dos federalistas, que impediram a passagem dos carrancistas, ao serem dispersados pelos general Telles e Parra que fizeram um movimento de grande significação.

No norte de Coahuila renderam-se 600 homens e 250 desses passaram o rio, pondo-se ás ordens do nosso consul. Em Michoacan assumiu o mando civil o general Dorantes e este deu uma grande coesão aos movimentos militares, em que coopera Fidencio Hernandez com forças regionais cheias de entusiasmo.

Em Morelos, segue uma companhia de concentração de diversas columnas, que operam, sem descanço, debaixo da direcção do general Robles, cuja energia inspira grande fé.

Pelos nomes dos Estados em que se diz se estão desenvolvendo as operações vê-se claramente que são os que estavam em grande parte, nas mãos dos rebeldes comunistas entre os quais luta Emiliano Zapata.

Os revolucionarios tem, segundo as informações officiais, soffrido constantes e decisivos reveses.

De todas as noticias anteriores e as do presente telegrama, deduz-se que a revolução tomou proporções consideraveis, parecendo tornar-se invencivel.

A utopia da Revolução Social ha tres annos que se converteu em realidade nas estepas mexicanas.

LUTA SOCIAL

Gréve de Sapateiros

Contra as arbitrariedades patronais

Os operarios da fábrica de Calçados de Francisco Sarubbi & C., declaram-se em gréve, para protestar contra as arbitrariedades dos patrões.

As arbitrariedades consistem em que o operario Pivo Civatelli foi despedido sem que o tivessem avisado com 8 dias de antecedencia, conforme estabelece o regulamento interno da fábrica.

Civatelli entendeu-se com o gerente a respeito dessa irregularidade e este respondeu em termos soezes.

Na discussão interveio o cortador Giovanni Musello, o qual agrediu a Civatelli, empurrando-o para fóra do recinto da fábrica.

Os demais operarios, indignados com o procedimento do gerente e do traidor, exigiram da gerencia a applicação de um outro artigo do regulamento, para que o agressor fosse despedido.

A gerencia não tomou em consideração esta reclamação, e, em vista disso, os operarios declaram-se em gréve.

Aí está como a lei particular de uma fábrica é violada pelos patrões, da mesma forma que os governantes violam a lei pública, a todo o momento.

E' que a lei foi feita para os trabalhadores, para o povo e não para os patrões ou governantes; para estes a lei é letra morta.

Os trabalhadores cumprem fielmente os regulamentos, na confiança de que, servindo de exemplo, os patrões façam o mesmo. Depois, como se constata, são surpreendidos na sua boa fé.

Alem disso a lei é lei: é a negação da liberdade de fazer ou deixar de fazer qualquer cousa, se não ha força para realiza-la apezar da lei.

O melhor regulamento que os operarios podem levar á fábrica é a união e a solidariedade, a organização de resistencia da classe a que pertencem e de todas as outras classes operarias, para que a solidariedade possa vencer a imposição patronal.

Não se deve tambem descuidar a propaganda instrutiva, para que cada dia sejam menos numerosos os infelizes como Musello.

Os patrões, quando tem diante de si operarios rebeldes e conscientes, andam sempre com muito cuidado.

E agora, que se declaram em gréve, devem sustentar-se nessa attitude até que o patrão se dê por vencido, e a classe de sapateiros em geral, como as outras classes, estão comprometidas a auxiliar estes companheiros, porque a sua causa é a causa de todos os trabalhadores.

União dos Chapeleiros

A classe dos chapeleiros está novamente em via de reorganização.

No local operario, á rua do Carmo n. 30, realizou-se no sábado passado, uma concorridissima assembléa, resolvendo-se questões de importancia, entre ellas a organização da Comissão Provisoria.

Uma outra assembléa terá lugar no domingo, 1 de junho, ás 8 e meia da manhã, para tratar de assuntos concernentes a organização.

Recomenda-se o comparecimento de todos.

NO RIO

Gréve marítima

No dia 28 de junho, as classes dos foguistas e carvoeiros dos vapores do Lloyd Brasileiro declaram-se em gréve por não ter a empresa atendido o pedido de aumento de salario formulado pelas associações a que pertencem.

A pedido da empresa o edificio em que ella funciona, e o caes, em toda a sua extensão, foram occupados militarmente, ficando nesses logares, implantado o estado de guerra, para aterrorizar os grévistas e força-los assim a voltar ao trabalho.

Este facto era demasiado sufficiente para se conhecer os propósitos dos patrões do governo e da policia, muitos dos quais são acionistas do Lloyd.

Ainda assim, o exagéro de boa fé levou os operarios a pedir uma entrevista ao presidente da República, com quem conferenciaram inutilmente.

Hermes respondeu o que era de esperar de qualquer governante ou capitalista: que tendo conferenciado com o presidente do Lloyd Brasileiro, este lhe declarou que, havendo um grande «deficit», era totalmente impossivel aumentar os salarios, o que faria assim que a situação da empresa melhorasse.

E o mesmo que dizer: não amolem! vão trabalhar, ou, do contrario, o faccio vae ter o que fazer.

Ante promessas tão captivantes as associações operarias em questão, declaram a gréve geral das classes, paralyzando completamente o trabalho, até que a empresa melhore a sua situação financeira.

Para a frente, camaradas! Não assiste aos capitalistas do Lloyd nenhuma razão para negarem o que se reclama.

Se a sua situação económica é precaria que troquem com os operarios: que vão trabalhar no carvão, e os carvoeiros e foguistas a administrar a empresa e a receber os seus lucros.

Parede na Fábrica de tecidos Eloisa

Os operarios desta fábrica declaram-se em parede porque a directoria fez ouvidos moucos ás exigencias de melhoras que lhe apresentaram.

A imprensa burguesa não se cansa de dizer que o operario está bem e não tem nada a reclamar.

O que vemos, porem, é que a todo momento e em todas partes, o operario revolta-se, fazendo reclamações a granel.

Reunião anarquista

O grupo *Germinar!* convida a todos os anarquistas e simpatizantes a comparecer á reunião que terá lugar na segunda-feira, 2 de junho, ás 7 horas da noite, na rua Riachuelo n. 43, para tratar-se de editar alguns milhares de exemplares do manifesto dirigido aos povos de todos os países, que são publicados no presente número desta folha, e para tratar de outros assuntos de importancia para a propaganda.

Ninguém deve faltar a esta importante reunião.

Comemoração da conquista da jornada de 8 horas

Concorridissima foi a velada organizada pelo Sindicato Operario de Offícios Varios, realizada na noite de 24 de junho, no Salão Celso Garcia, para comemorar a conquista da jornada de 8 horas.

As 7 horas, o grande salão achava-se repleto de trabalhadores entusiasmados por vêrem-se reunidos em fraternal concordia e sentimentos de emancipação.

Num dos intervalos, o companheiro Romero realizou a annunciada conferencia sobre o *sindicalismo revolucionario*.

Pro Joubert

Camaradas!

Trabalhadores!

O companheiro Joséph Joubert, um valente lutador pela causa do proletariado, acha-se na cadeia desta cidade, condemnado a quatro meses de prisão celular e 450\$000 de multa, por ter dito publicamente muitas verdades á propósito de um advogado, um explorador das classes trabalhadoras, verdades que os juizes tomaram por injurias.

Para livrar este camarada da injusta penalidade que sofre, abrimos varias listas de subscrição, uma das quais foi iniciada nesta redacção:

Quantia publicada, 14\$000; A. C. 35800; Feliberto Bolognesi, 15000; Fimé 15000; Germano 40000; G. Ciuffi, 25000; Paciulli, 15000; G. S. Duro 15500; P. Z., 15000. Total 245900.

Manifesto aos Povos de todos os Países

Em prol dos principios de humanidade

Os sucessos relatados neste manifesto não são daqueles que fazem explodir impetos de indignação e de protesto simplesmente condenatorio; são daqueles com os quais as classes oprimidas, as instituições sociais e os indivíduos que as compõem ou defendem, dão proporções épicas ás suas monstruosas façanhas, provocando a revolta popular.

Lei de expulsão de estrangeiros

As garantias constitucionais prejudicavam, em parte, os interesses de capitalismo.

Apesar dessas garantias, as reclamações e movimentos operários eram reprimidos violentamente pela policia.

Os direitos de imprensa, de palavra, de reunião e de greve, estavam, de facto, completamente abolidos, sendo as associações operárias assaltadas pelos esbirros, e as manifestações dispersas á páta de cavallo.

Mas estas medidas, tomadas pela autoridade, tinham uma forma demasiadamente extralegal, e, para impedir qualquer movimento de reivindicação, e mantêr-se dentro da legalidade, o governo criou a «lei da expulsão», que hoje vigora de forma que a bárbara instituição policial é a rainha absoluta da vida dos cidadãos estrangeiros, podendo, por sua propria conta, deportar a quem se lhe antolhe.

Esta lei foi feita para atar de pés e mãos, os trabalhadores, e submetê-los incondicionalmente á voracidade capitalista.

Deportação de homens e mulheres, a Itapura

«Tome-se um mapa topográfico do Estado e siga-se pela linha Sorocabana e o seu prolongamento até a Noroeste, nos confins de Mato Gróssio.

Baurú é o último centro civil do Estado de São Paulo, e dali começa a linha comercial-estratégica que, atravessando a floresta virgem, habitada pelas tribus selvagens, vai até o Estado de Mato Gróssio.

Desde a estação Lauro Múler começa a zona infecciosa. Os trabalhadores não podem resistir e os desventurados europeus que, aliçados com promessas seguiram para ali, tiveram de fugir para não morrer.

Fôram substituídos pelos indígenas mas estes morreram aos centenaes. Um jornalista brasileiro não hesitou em afirmar que a «Noroeste» tem feito mais victimas do que uma batalha!

Ora, o ponto mais infecto da região é Itapura, última estação da «Noroeste», á pouca distancia de Mato Gróssio. Itapura é uma localidade, não um lugar habitavel. Existe a estação da estrada de ferro, e diversos operários que trabalham no prolongamento da linha: somente.

E' á essa localidade onde fôram conduzidos, á força, mais de 200 desgraçados, em sua maioria inúteis para o trabalho.

E' um facto positivo que em fevereiro e março fôram conduzidos de S. Paulo para Baurú, vinte grupos de deportados, compostos de 20 indivíduos cada um. Estes seguiam num vagom da Sorocabana, fechado ermeticamente e escoltados por soldados. De Baurú, depois de têrem passado uma noite na prisão, os deportados fôram metidos num outro vagom da Noroeste, ainda escoltados por soldados até Itapura, onde fôram postos em liberdade, mas sem um vintem, sem

roupas, sem viveres, privados de tudo numa região insalubre, distante centenas de quilómetros de um centro de vida civil.

O Prefeito Municipal de Baurú, «senhor» Manoel Bento da Cruz, (não citamos o testemunho de um subversivo), declarou que em sua maior parte, eram velhos inábeis para o trabalho ou alcoolizados.

Chegaram também algumas mulheres!

As condições daqueles desventurados é facil de imaginar. Tentar seguir para adiante, atravessar os vales de Mato Gróssio não era possível, antes de tudo porque aquelas regiões são inóspitas, e além disso porque as autoridades de Mato Gróssio haviam mandado soldados para a fronteira, afim de impedir que os deportados de S. Paulo a passassem.

Ficar em Itapura equivalia a enfermar e perecer de febre, de beriberi e de privações.

Alguns puderam obter da Noroeste o transporte gratuito para Baurú.

Outros, com a coragem da desesperação, percorreram a pé o tragecto de toda a linha, sustentando-se com a esmola que adquiriam das turmas que nela trabalhavam, e assim chegaram a Baurú, depois de haverem andado a pé centenas de quilómetros.

Em Baurú, durante os meses de fevereiro e março, todos os dias chegava algum destes desventurados.

O seu estado e as narrativas que fizeram, provocaram entre aqueles habitantes profunda piedade e vivissima indignação.

Mas não todos voltaram.

Dos que voltaram e puderam ser identificados são:

1. Ernesto Franchini de setenta anos de idade. Era professor de escola. Foi preso aqui em S. Paulo, no dia 18 de fevereiro, quando se encontrava no largo General Ozorio: porque estava alcoolizado. Foi detido na prisão, sem que pudesse comunicar-se com os seus parentes e conhecidos; depois, no dia 15 de março foi com outros, conduzido a Itapura. De lá conseguiu voltar a Baurú, onde chegou meio morto...

2. Italo Aladino Bonaldi, também preso em S. Paulo. Conseguiu voltar a Baurú.

3. Um velho estropiado, de quem não foi possível saber o nome. Em Baurú esteve alguns dias pedindo esmola para voltar.

4. Augusto Mancini de Nicola, de 23 annos, marmorista, preso em S. Paulo em fevereiro: por ser amigo do alcool. Foi detido na policia durante 7 dias e outros 37 na Cadeia. Depois foi deportado para Itapura, de onde, depois de ser atacado pela febre, conseguiu chegar a Baurú, tendo percorrido a pé mais de 300 quilómetros.

5. Um tal Pedro que fez a viagem com Mancini e que pode também fugir de Itapura.

6. Giovanzano Gaspere de Emilio. Foi preso no dia 10 de fevereiro, no largo do Bráz: porque estava embriagado.

Foi encarcerado durante 16 dias no posto policial de S. Caetano e outros 10 dias na Cadeia. Não foi interrogado nem lhe foi possível comunicar-se com a sua familia, que reside na Avenida Rangel Pestana n. 240.

Na manhã de 9 de março foi enviado á Itapura.

Em Itapura foi atacado de febres palustres; pode chegar á localidade de Tres Lagoas, de onde o chefe

da estação lhe deu passagem para Baurú.

Estes são os identificados: «mas muita dezenas de outras victimas do vandalismo policial ainda não appareceram».

O Mancini afirma que com ele vinham na estrada de ferro outros cinco italianos, e o Giovanzano diz que no vagom que o levou a Itapura iam tres velhos, também italianos, dos quais um se chama Biagio.

Tambem ha noticias precisas de 2 alemães (que regressaram a S. Paulo, pela enérgica intervenção do Consul germanico), de 1 espanhol e de 2 franceses».

Vejam os ainda a carta de Antonio Manente, dirigida á pessoa de sua familia, residente em S. Paulo:

«Caro tio:

Biriguij 16 de Abril de 1913.

Certamente não saberás da desgraça que me aconteceu. Como sabes eu trabalhava na rua Canindé, n. 80.

A noite fui passear ao mercado, Na Travessa um soldado prendeu-me e conduziu-me á Central, dizendo que eu era um vagabundo.

Depois de 33 dias, sem poder falar com ninguem, pela manhã fizeram-me partir em companhia de outros 25 indivíduos, e nos conduziram a Itapura, logar pestifero, pelas maleitas, o tifo e todas as enfermidades palustres.

Uma vez ali, deviamos ir trabalhar no mate e sofrer as torturas da estrada de ferro. Com outros quatro companheiros, armados de coragem, voltamos a pé, descalços, lacerados e com as maleitas por companhia.

Sempre pela linha, esmolando cá e lá um prato de feijão, passamos Araçatuba, e viemos a parar a Biriguij, mas depois de cinco dias caímos enfermos. O que melhor está sou eu, que não posso estar em pé e com febre, ha tres dias.

Agora encontro-me doente, privado de meios de subsistencia, sem roupas e sem dinheiro para voltar.

Do «Fanfulla».

Quando um cidadão altera a ordem pública, agredindo ou assassinando a outro cidadão, são-lhe applicadas penas severas.

Nos Estados Unidos, quando um homem de côr desrespeita ou mata um branco, é immediatamente linchado.

Aqui os funcionarios policiaes, com aprovação dos ministros e presidentes da República e dos Estados, assassinam, em quadrilha, homens e mulheres, enviando-os sem formalidade alguma, para as regiões onde encoftrarão a morte certa.

Com efeito: onde estão as dezenas de homens e mulheres que que a policia enviou para Itapura?

Qual a nação ou tribu, por bárbara que seja, onde as autoridades cometam e o povo consinta, tão inconcebíveis vandalismos?

E' assim como se fazem respeitar as garantias constitucionais? E' este o verdadeiro patriotismo?

E' este o verdadeiro procedimento legal?

Epilogo da greve de colonos de Ribeirão Preto

Depois de 15 dias de luta, de uma passividade e quietude absolutamente cristã, por parte dos colonos, e de uma violência estúpida e criminoso, por parte dos fazendeiros, terminou esse movimento em que os famintos traba-

lhadores jogavam o seu direito a vida.

Os escravocratas dessa zona romperam momentaneamente pela fome, pela astucia e pela brutalidade, os escravos que para eles trabalhavam, não atendendo em absoluto ás condições exigidas pelas mais perentorias necessidades vitais dos grévistas.

Alegavam o cumprimento dos contratos, dando a entender que os magistrados deviam castigar os colonos pela contravenção ás disposições legais em vigor. Para eles o facto de a «necessidade não ter lei» é uma ironia caprichosa. A lei deve ser cumprida, custe o que custar.

Mas deve notar-se que os patões, segundo as cadernetas entregues aos colonos, não haviam estabelecido os contratos de acordo com a lei: eram muito mais desfavoráveis para os contratados.

Este crime foi silenciado pela imprensa, pelo Patronato Agrícola, e os juizes não trataram de averiguar estas questões, porque, para eles só pode haver crime quando a falta de cumprimento legal é cometida pelo deserdado da fortuna.

As louvadas intenções dos fazendeiros ficaram demonstradas com a expulsão dos grévistas mais conscientes.

As condições em que os colonos se encontravam eram tão intoleráveis que resolveram emigrar em massa, para o seu país de origem, seguros de que aqui não podiam encontrar nenhum meio de subsistencia.

Em número de 142 chegaram a estação da Luz, desta cidade, em estado tristemente comovedor.

Anciãos, moças, mulheres e crianças, acotovellavam-se dentro dos vagons, apresentando um quadro horripilante: Os andrajos em fragmentos, os rostos cadavéricos, cobertos por uma pele cortada em profundos sulcos, os olhos profundos e amortecidos, os cabelos e as barbas emmaranhadas... tudo era coberto por uma única côr, essa côr terrosa e indefinida dos que passam anos inteiros a trabalhar de estrela a estrela, nos cafezais.

Um saquinho de farrapos, restos dos que haviam trazido quando para aqui emigraram, era toda a sua mobilia e indumentaria.

Perguntados se queriam ficar aqui, ou seguir para a Italia, responderam a gritos e agitando os chapéus: «Para a Italia! Para a Italia!»

Eles que vinham fugindo esparvidos, das fazendas, sentiam com um horror qualquer insinuação de continuarem a procurar a vida neste país.

Estavam fartos de América. Daquí só levavam miseria, enfermidades, e filhos, pais, mães e irmãos de menos nas suas respectivas familias. O luto e a dôr eram os trofeus com que voltavam da sua odissea pelo Estado de São Paulo.

Roubo descarado

Quasi todos os colonos tinham haveres a receber dos patrões, mas estes negaram-se a fazer o pagamento dizendo que só o farão depois da colheita do café. E lá vão os pobres fugitivos, sem recurso algum, e talvez sem saberem quando receberão os seus vencimentos: possivelmente nunca, apesar de a autoridade consular ter tomado nota...

Com esse dinheiro arrancado da

boca dos famintos, os senhores fazendeiros continuarão a sustentar meretrizes, a jogar e a explorar os colonos que aqui fiquem, sem a menor responsabilidade.

Horrorosa escravatura operária no Estado do Paraná

Dentre as numerosas noticias que diariamente aparecem até nas colunas da imprensa burguesa, sobre as diversas formas em que é escravizado o proletariado, destacamos a seguinte, publicada pelo «Estado de São Paulo» do dia 2 do passado mes:

CURITIBA, 19 — O «Diário da Tarde» publica hoje um artigo, intitulado «A região occidental», e assinado pelo sr. Sebastião Paraná, denunciando a existencia da escravatura operária, criada pela empresa de mate «Laranjeira» estabelecida na proximidades do salto das Sete Quedas.

A empresa possui armazens de secos e molhados, ferragens, lojas de fazenda, cortumes, fundição, carpintarias e estabelecimentos e paga o imposto de suas mercadorias e respectivos selos aos governos da Argentina e do Paraguai, sendo a moeda corrente a desses países.

Trabalham para a empresa mais de seiscentos operários, contratados com salarios determinados recebendo-os, porem, em viveres e vestuários por preços exorbitantes, donde resulta que, no ajuste de contas, os patrões são sempre credores, ficando os operários obrigados a continuarem a trabalhar afim de saldar as suas contas. Se tentam fugir, são perseguidos pela guarda pretoriana, que lhes applica castigos horrorosos, sendo amarrados, surrados e executados quando resistem, ficando muitas vezes os cadáveres insepultos.

O trabalho começa as cinco horas da manhã e termina ás sete horas da noite, havendo uma hora de descanso.

Uma pitula anti-febril custa para os desgraçados, 700 réis; dois pés de mandioca 500 réis; um litro de milho 120 réis; e nessa proporção são vendidos os demais generos de primeira necessidade.

A empresa monopoliza a cultura, proibindo ao operário plantar ainda mesmo que seja um pé de couve, punindo com castigos corporais aos recalcitrantes.

O local, em que se acha estabelecida a vergonhosa empresa de mate «Laranjeira», fica á margem esquerda do rio Paraná, em pleno territorio brasileiro e onde André Rebouças ideára levantar o «Parque Nacional».

Dirigimos este manifesto a todos os povos, porque é preciso que todo mundo saiba que no Brasil existe a mais bárbara das escravaturas;

que no Brasil o patronato conta, além do exército, a magistratura e a policia, numerosas bandas particulares de mercenários armados para prender e massacrar os trabalhadores que não se sujeitam facilmente a opressão e extorsão;

que no Brasil os cidadãos nacionais e estrangeiros, e até mulheres, são deportados sem causa alguma, para as paragens selváticas e mortíferas, peiores do que a Siberia;

que no Brasil os trabalhadores não recebem os parcos salarios que ganham com o penoso trabalho;

que as garantias constitucionais estão debaixo das patas dos cavalos dos cosacos e na draconiana lei de expulsão.

Se estes factos não conseguem comover os sentimentos humanos; se esta especie de torturas e estes monstruosos atentados á vida e á liberdade não são suficientes para provocar a revolta do povo deste país, que mais directamente sofre as suas consequências, não sabemos o que é que poderá ferir a sua sensibilidade.

Não são estes factos motivos de lamentações inúteis; o que isto deve provocar em todos os homens é uma acção revolucionaria, capaz de responder dignamente aos atropelos dos bandidos que assim procedem, e de opor um dique sólido contra as suas indescriptíveis infamias.

Acção! Acção! Acção! contra os exploradores, escravocratas e assassinos do povo.

S. Paulo, 1 de Junho de 1913

Seguem as assinaturas:

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

Malinconie...

In Italia, paese esuberante di vita, imperano i beccamorti. Una vecchiaia, incarnata nel delitto, ha strinto al collo della nazione il nodo scorsoio della forca. I vecchi briganti fan le leggi, incepano le nuove generazioni, detengono il monopolio del furto, comandano l'esercito e la marina, dirigono le banche e la coscienza nazionale. Mai, dacché il mondo è mondo, un immenso popolo laborioso è caduto schiavo di sé vecchi e implacabili briganti.

Per la vita sociale, i padroni briganti dell'Italia, non hanno mai concesso un soldo: tutte le loro cure sono per distribuire la tortura nella nazione. Il canto loro prediletto sono i lamenti degli affamati e di lucifati sulle pubbliche vie; l'imprecazione degli affamati che emigrano in cerca di un miglior padrone di quello nazionale (illusione funesta!) e di un certo pezzo di pane quotidiano per la famiglia.

I padroni dell'Italia non hanno forse fatto estinguere per fame cronica tutta la legione dei vecchi eroi che fecero l'Italia una ed indipendente col sacrificio del loro sangue?

Questi vecchi briganti non sono forse essi che all'interesse della nazione hanno anteposto l'interesse della delinquenza dorata, che hanno sostituito al diritto del popolo l'arbitrio d'una dinastia di bagascioni ladri e sanguinari?

Non sono forse questi vecchi merdosi e feroci che hanno relegato il popolo italiano al rango di un armento di bestie da lana, da fatica e da macello?

Non sono forse questi vecchi feroci, questi satiri osceni del Senato, dell'esercito, del parlamento, di tutti i governi che hanno dal 1860 ad oggi saccheggiata, l'Italia immiserito il suo popolo e lucifate le sue grame plebi?

Non sono forse questi vecchi che, auspici l'infante vecchio De-Prezis e il tiranno Umberto I, che hanno valuto i macelli abissini e condotto l'Italia sul precipizio del disonore e del fallimento?

Non sono forse questi vecchi gottosi, lambicomaniaci, pederasti che sono stati in Milano nel 1898 (governanti i vecchi feroci Rudini e Zanardelli, regnante Umberto il sanguinario, e boia supremo Bava Beccaris) più crudeli di quel che non fossero stati contro quella gloriosa città lombarda i tedeschi del 1848?

Non sono forse questi ladri, ruffiani di corte e cagnolini di lupanare, che hanno ancora una volta lanciato il popolo italiano in avventura guerresca che ha in un anno e mezzo inghiottite le economie di mezzo secolo di lavoro nazionale, e costa al popolo giorno per giorno, la vita del fior fiore dei suoi figli?

E non bastava a questi vecchi feroci di avere — contro tutte le tradizioni dell'Italia, risorta a nazione sulle rovine dei domini stranieri spenti violentemente con le armi — non bastava a questi vecchi feroci tenere il popolo nel nodo scorsoio della forca, ma hanno voluto anche, dopo aver dichiarato la guerra, essere i generali dell'esercito combattente. E così si son visti migliaia e migliaia di giovani di vent'anni lanciati al macello da vecchi smidollati e cadenti come l'antico ufficiale dell'Imperatore Francesco Giuseppe II di Austria (nel 1866 questo liguro impugnò l'arme contro l'Italia) oggi generalissimo dell'esercito italiano Carlo Caneva, che comandava le battaglie rinchiuso in una casa le cui finestre erano ricoperte da materassi?

Ebbene, questi vecchi merdosi a cui un affittaiuolo di campagna non affiderebbe un armento di pecore, per trovarli sciaguratamente troppo stupidi, hanno disonorato l'Italia con le loro crudeltà, innalzando forche in nome della civiltà, ordinando le fucilazioni in massa della popolazione tripolina, sterminata durante quattro intere giornate nelle proprie case.

E ora? Ora è pur sempre questa vecchiaia barboglia, fanatica, ladra, sanguinaria, smidollata, invertita che detiene

le sorti di Italia con le corde delle sue forche. Infatti è dessa che dopo la famosa pace di Ouchy ha ricondotto l'Italia alla guerra coloniale, alle disfatte coloniali. Ora i berberi di Cirenaica non si contentano più di molestare l'esercito italiano in riva al mare di Cirene, ma lo provocano e lo costringono a sanguinose battaglie, e nell'ultima di queste battaglie i beduini sorpresero una brigata italiana, la decimarono, le presero cinque cannoni e costrinsero i superstiti a rifugiarsi sotto i tiri protettori delle corazzate.

Alla Camera italiana la notizia di questo macello ha prodotto un certo clamore, ma che i soliti vecchi osceni e rammolliti sono riusciti a soffocare con una ironia idiota. Infatti, un vecchio merdoso più del defunto Barattieri, attualmente sottosegretario di Stato al ministero della Guerra, è riuscito a dimostrare dinanzi al generale entusiasmo della Camera, che per vincere bene nelle guerre moderne bisogna anche sapersi far portar via i cannoni...

Ma questi vecchi non insultano soltanto i morti: derubano anche il patrimonio della nazione. Nei lavori del palazzo di giustizia ministri e deputati hanno rubato milioni a man salva: il defunto compilatore del più feroce codice dei tempi moderni, nonché ministro dei Savoia, Zanardelli, era pure lui un grande farabutto, i lavori della Commissione d'inchiesta nominata dal parlamento per far vista di apurare le responsabilità — ma in realtà per ridurre lo scandalo ai minimi termini, e salvare più ladri che sia possibile — ha trovato dei documenti che questo «incorruttibile» ministro, oltre ad un sanguinario e ad un aguzzino feroce era anche il capo, non disinteressato, di una vasta banda di ladri che ha vuotato più di una volta le casse dello Stato; ma siccome (è lui che ha compilato il codice, il furbacone aveva pensato tra tante cose ad includervi un articolo di clemenza per... sé stesso): «la morte cancella l'azione penale e gli effetti penali di essa», la memoria di questo brigante rimane candida... come la tonica di un padre gesuita.

Quando che il popolo d'Italia si sbarazzerà dal dominio stupido e feroce, di tutti i vecchi rammolliti, incarnati nel delitto?

Da questa liberazione dipende l'inizio della civiltà vera.

Acratibis

A proposito d'uno sciopero

Contro l'armento

Se il grido: «Lavoratori di tutto il mondo unitevi!» finora è stato impossibile metterlo in pratica; in questo momento e in questo ambiente è necessario disfare l'armento. Se il momento politico che attraversano le Americhe è tale da rendere la vita proletaria miseranda e vile, altro rimedio ad un tale stato angustioso non v'ha (considerata la pecoraggine del nostro proletariato) che di cercare un altro mondo, di scappare per altri lidi. Che questo mezzo sia più pratico che l'organizzazione proletaria lo prova il fatto che il proletario italiano, che dà dei così forti contingenti all'emigrazione permanente e temporanea di tutti i paesi, ha migliorato per effetto di questa causa un pochlino le sue condizioni. Per persuadersi di ciò non occorre essere dei sociologi peripatetici, basta che il lavoratore guardi quel che qui stesso succede: mentre dieci anni fa non si otteneva nulla con lo sciopero nel lavoro delle fabbriche, ora basta avere la coscienza della propria capacità artigiana per ottenere un aumento di salario; e ciò soltanto perché la mattina i direttori delle fabbriche non vedono più delle intere legioni di sfruttati, curvi e riverenti, di-

nanzi al cancello degli ergastoli a implorare l'elemosina di essere sfruttati.

L'organizzazione è ig teorica — non c'è da dubitarne — una parola a sensazione, nella realtà pratica non è poi altro che uno specchietto per acchiappare le allodole. Insomma tutto il lavoro dell'organizzazione si riduce a sciupare le migliori intelligenze operaie in un lavoro di ridicola legislazione fra padroni ed operai, e tutto ciò per conciliare — in pro delle due parti — di Mammone e di Lazzaro! — l'inconciliabile.

Naturalmente molti farabutti si giovano di questa nuova superstizione operaia per conquistarsi delle posizioni elevate «per passar poi — secondo l'energica espressione del ministro Clemenceau — dall'altra parte della barricata».

In S. Paolo se avvii una categoria di operai pratici dell'organizzazione questi sono appunto i cappellai: però essi da molto tempo hanno desistito: sono stufti dell'organizzazione. L'organizzazione per essi era diventata una tirannia più opprimente di quella sempre cainesca dei padroni.

Ne volete una prova cosa vale a questi lumi di luna l'organizzazione? La ditta Dante Ramenzoni ha multato i suoi operai perchè non hanno voluto lavorare il 13 di Maggio — giorno anniversario dell'abolizione della schiavitù dei negri. Fra noi operai cappellai le multe (il furto del salario guadagnato coi sudori di sangue) non furono mai, e per nessun motivo, tollerate: naturalmente anche questa volta si ricusarono a pagar la multa e tutti come un sol uomo abbandonarono il lavoro. Naturalmente vennero chiamati i soldati e le spie segrete per proteggere l'arbitrio di quelli che non contenti di sfruttare gli operai vogliono anche tagliargli il scarso salario. Questo sciopero è durato otto giorni. Poi esso è stato chiuso in un modo canzonatorio per gli operai. Ecco l'accordo: «Per salvare il decoro del padrone (idealisticamente il decoro di questo padrone, nella sua qualità di socialista, era d'incoraggiare gli operai a non farsi rubare il salario...) gli operai avrebbero pagata la multa; ma il padrone — generoso fino nei tacchi delle scarpe — avrebbe alla sua volta versato il danaro delle multe per la costituzione di una lega di resistenza fra i suoi stessi operai...

Come si vede un padrone non poteva avere un concetto più chiaro e preciso di cosa sia in realtà l'organizzazione operaia. I padroni sanno che l'organizzazione è il miglior metodo di addomesticamento proletario.

Figuratevi voi che bella cosa può essere una lega di resistenza proposta da un padrone, e costituita col danaro di una multa inflitta da questo stesso padrone a questi stessi operai rei di aver abbandonato il lavoro per festeggiare la data dell'abolizione della schiavitù dei negri al Brasile.

UN CAPPELLAIO

Una scommessa

Noi scommettiamo che il *Fanfulla* non si occuperà più delle deportazioni sulla Noroeste.

Queste deportazioni hanno avuto per risultato l'applicazione della pena di morte, in via amministrativa, in uno stato della confederazione brasiliana, di molti brasiliani, di molti stranieri e di non pochi italiani.

Ma la polizia assassina è onnipotente: i morti non parlano perchè li ha ammazzati, i vivi non troveranno più un giornale, con voce in capitolo, come si dice, che accoglierà i loro reclami, nemmeno il *Fanfulla*... perchè i poliziotti brasiliani hanno nelle loro tasche quei tali argomenti irresistibili che Anatole France seppe scavare nelle tasche dei oriollos.

Volete scommettere che il *Fanfulla* non parlerà più delle deportazioni sulla Noroeste?

Leggete La Barricata

Il cocodrillo piange...

Il *Fanfulla* dopo avere eroicamente sostenuto per un anno la santa causa dei fazendeiros e della garbosa polizia di San Paolo, con minor decoro ha incominciato a difendere quel cristaccio, non in croce ma crocesignato, del console Baroli, dagli attacchi dei suoi cari colleghi in fondi segreti brasiliani.

Il *Fanfulla* è il giornale — gloria a te, o magnifico e munifico Poci, italiano degno di penzolare, legato per la strozza, ad un fico — di tutte le situazioni: ora mangia a due greppie: a quella del governo dei fazendeiros e a quella del console d'Italia.

Inoltre il Giano del colonialismo italiano, per dimostrare tutto il suo sviscerato amore allo stalliere del giorno; cerca di conciliare i padroni di ieri con quelli d'oggi per avere un padrone certo domani; ma, dovendo pur picchiare su qualcuno, se la piglia con gli anarchici che scrivono come non vorrebbe l'autore del *Corlegiano* nè quello più santo del *Galateo*. I pennivendoli del *Fanfulla* possono farne il comodaccio loro, ad esaltare cioè quel che ieri hanno buttato nel fango ed a buttare nel fango quel che innanzi avevano esaltato, ma noi continueremo a fare il nostro consueto cammino senza cambiare strada.

Non permetteremo mai ai feroci vigliacchetti del *Fanfulla* di trasformare la loro vigliaccheria in eroismo: Giovannetti è andato a Ribeirão Preto in tempo di sciopero ma non s'è mosso dal suo albergo che per visitare amici palancaioli. Non è andato in mezzo ai coloni a predicare la resistenza: tutta l'opera sua in Ribeirão Preto l'ha fatta consistere nel passare le sue serate da Cas-soulet invece che al Politeama o al Casino di S. Paolo. I coloni furono lasciati in balia di sé stessi. Il *Fanfulla* stesso di venerdì lo confessa: nemmeno il console d'Italia fu in mezzo a loro: egli si contentò di andare in mezzo ai fazendeiros briganti. Ma lo sciopero è stato sconfitto e lo stesso, dice il *Fanfulla*, perchè gli anarchici sui loro giornali usano un linguaggio violento e poi non si fecero vivi sullo sciopero di Ribeirão Preto.

Negli scioperi dove vanno a far da beccamorti i Fiaschi di ieri ed i Giovannetti d'oggi, gli anarchici da tempo han giurato di non andar più mai. Ad arrischiare la pelle per far portar via 150.000 lire ogni sei mesi a Vitaliano Rotellini e farne mettere da parte altrettanti a Poci, a Martinelli, al dott. Sodini, è cosa assai sciocca e chi ricuote soltanto deve andare (quando non ci sono più ideali nel mezzo, nemmeno un misero ideale d'italianità) ad esporre la propria libertà e la propria vita.

Giacchè gli scioperi dei coloni — come il sacrificio dei repubblicani d'Italia servi a regalare l'Italia ai re sabaudi — debbono servire a fabbricare una gloria transoceanica alla schifosissima monarchia savoiarda e a far fare palanca a quei ladruncoli del *Fanfulla* è meglio lasciare ad essi anche la responsabilità della sconfitta.

E' vero che il nostro linguaggio è rude, ma il vostro linguaggio ruffanesco al latte e miele è giovato — in beneficio dei coloni — a qualcosa di meglio, è stato forse capace di far palpitare il cuore belvino dei fazendeiros d'un sentimento umano per gli artefici miserabili della loro ricchezza.

Noi signori. Siete stati cortigiani, melliflui, ruffianamente educati, ma per i coloni avete ottenuto ancor meno di quanto non si sia noi ottenuto con le nostre critiche genuinamente veritiere. E' vero noi chiamiamo Sampaio Vidal un poliziotto ed il *Fanfulla* un ruffiano del padrone pagante dell'ora, ma è la semplice verità e l'eufemismo più che morale, in tutti questi casi, sarebbe scandaloso.

Ma noi sappiamo che il *Fanfulla* non usa il linguaggio al latte e miele per amore all'educazione; ma per semplice misura di oculatezza finanziaria antica pata. E s'intende: l'avversario d'oggi — quello che per stare nel vero, cioè, oggi, dovrebbe qualificare dei peggiori titoli con i quali si denominano i delinquenti — l'avversario d'oggi può, anzi è più che probabile, diventare il padrone di domani; e naturalmente la prudenza vuole di agire in modo di non creare inimicizie irrimediabili, e ciò soltanto per riscuotere da tutti — per poter fare palanca indifferentemente sulla sventura degli uni e sull'infamia degli altri.

Mastr'Antonio

Verso l'anarchia

Potrebbe conseguentemente venir istituita una amministrazione centrale temporanea senza autorità di sorta. (1)

Quest'amministrazione prenderebbe gli specchi della produzione che i comuni anarchici, i gruppi, gli mandassero, ad esempio, ogni mese; farebbe un conto complessivo dei diversi generi prodotti dai diversi comuni, ed in base a questo conto regolerebbe lo scambio, indicherebbe la parte spettante ad ogni comune.

Ogni comune, ogni gruppo, riceveva la propria parte di zucchero, di tessuti, ecc., messane una parte nei grandi magazzini di riserva, permetterebbe che si consumassero a volontà dei generi in sovrabbondanza, e passerebbe alla divisione dei prodotti la cui produzione fosse limitata.

«Divisione secondo i bisogni, dando preferenza ai fanciulli ed ai vecchi, ai deboli, insomma, e tutta ciò consumato, non nella marmitta sociale, ma a casa propria secondo i gusti individuali, in compagnia della famiglia e degli amici».

Kropotkine

Lo scambio delle merci greggie potrebbe venir praticato a semplice richiesta tra comune e comune, basandosi sullo specchio della produzione complessiva, pubblicato mensilmente dall'amministrazione centrale o potrebbe anche venir regolato dall'amministrazione stessa.

Quanto ai generi di cui è impossibile lo scambio in ogni comune, gli abitanti provvederebbero ai propri bisogni.

Così potrebbe essere dapprincipio in anarchia.

Tutto ciò è molto semplice, è molto pratico; migliaia di volte più semplice e più patico dell'organizzazioni sociale presente mantenuta a forza di batonette; migliaia di volte più semplice e più patico dell'organizzazioni sociale voluta dai socialisti collettivisti legalitarii col famoso loro governo.

E' una fra le tante edizioni della storia dell'uovo di Cristoforo Colombo.

Al sorgere dell'anarchia, ingegni eletti, indipendenti ue rimasero affaccinati, ed impavidi ne proclamarono la buona novella.

Derisi dall'ignoranza, osteggiati dai codardi, calunniati dagli ipocriti abbietti, combattuti con ogni mezzo dal turpe egoismo borghese, simboleggiato nei governi, traditi da vili più di Giuda, non si disanimarono e la nobile idea progredì al prezzo del sangue di martiri che a mille a mille lasciarono la vita sulle forche, nelle agghiacciate lande di Siberia, nelle galere di Caledonia... Ne cadeva uno? sorgevano in cento! ed oramai sono a milioni gli schiavi delle caserme, i paria dei campi e delle officine, gli spostati che nel nome della scienza e della legge morale naturale propugnano l'Era della vera uguaglianza, della vera libertà, dalla vera fratellanza e della vera solidarietà.

(1) Per quanto il lavoro d'amministrazione sia un lavoro come ogni altro, pare a noi che potremmo fare a meno in anarchia. Similmente pensiamo a proposito del razionamento dei generi in deficienza. Il lettore acquisterà la stessa convinzione per poco che si addenti nello studio delle teorie anarchiche.

Interessantissima pubblicazione

ETTORE ZOCOLLI

L'Anarchia

Gli agitatori — Le idee — I fatti

Saggio di una revisione sistematica e critica e di una valutazione etica

Grosso volume di oltre 500 pagine elegantemente legato in tela con fregi artistici

Prezzo Rs. 13\$000

— Interno 13\$500 —

In vendita presso

L'Agenzia Chiaves

Rua Boa Vista, 11 — S. Paulo